

POR UMA EDIÇÃO CRÍTICA E UM ESTUDO DO POEMA *NICTEROY*,
DE JANUÁRIO DA CUNHA BARBOSA

FOR A CRITICAL EDITION AND AN STUDY OF THE POEM *NICTEROY*,
BY JANUÁRIO DA CUNHA BARBOSA

Beethoven Alvarez

Universidade Federal Fluminense

bee.alvarez@gmail.com

RESUMO:

Este artigo pretende divulgar resultados parciais do projeto de apresentação de uma edição modernizada do texto do poema *Nicteroy*, de Januário da Cunha Barbosa, a partir da tradição impressa de circulação do poema. A partir disso, cotejarei os resultados com o testemunho manuscrito com intuito de estabelecimento desse texto em uma futura edição crítica. O poema, originalmente publicado em 1822, e pouco republicado, possui um manuscrito datado de 1820 que apresenta inúmeras variantes. Exporei brevemente dados sobre a obra e seu autor, contextualizando o poema e sua publicação, para, em seguida, apresentar um trecho selecionado do poema (de 476 versos), a partir do qual discutirei algumas questões textuais.

PALAVRAS-CHAVE: edição textual, Januário da Cunha Barbosa, literatura brasileira, decassílabo

ABSTRACT:

This paper aims to let on partial outcomes of a project a critical edition, with standardized and current spelling and punctuation, of the poem *Nicteroy*, by Januário da Cunha Barbosa. The poem, originally printed in 1822, and rarely reprinted, possesses one manuscript from 1820 that reveals many deviations and variant spellings and even totally divergent lines from the printed tradition. I will briefly state some information about the poem and its author, just to put into context its appearance, and, after that, I will present selected passages of the poem (out of 476 lines), from what I will discuss some issues regarding establishing this text.

KEYWORDS: textual edition, Januário da Cunha Barbosa, Brazilian literature, *decassílabo*

1. Januário da Cunha Barbosa

Aproveitando o ensejo do 170º ano da morte de Januário da Cunha Barbosa (1780-1846), autor do poema *Nicteroy*, ou *Metamorphose do Rio de Janeiro*, de 1822, é preciso lembrar que Januário foi proeminente religioso, intelectual, político, jornalista e poeta (entre diversas outras qualificações), atuante no Rio de Janeiro durante grande parte da primeira metade do séc. XIX. Resumidamente vale destacar que, como religioso, foi cônego da Capela Real (depois intitulada Capela Imperial, a partir de 1808, com a vinda da família Real para o Brasil) e autor de diversos sermões religiosos; como intelectual, discutiu a questão da colonização indígena¹ e a Independência do Brasil, e ainda se tornou Bibliotecário da Biblioteca Pública da Corte (hoje Biblioteca Nacional) e notabilizou-se como membro fundador do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), onde se preocupou com a manutenção da memória de diversos autores e homens públicos brasileiros e temas de importância nacional;² como político, foi deputado pelo Rio de Janeiro na primeira Assembleia Legislativa (1826-1829); como jornalista, criou o periódico *Revérbero Constitucional Fluminense*, em que defendia a independência do Brasil e contribuiu com tantos outros; e como poeta, escreveu entre outros poemas e peças, o epílio em estilo ovidiano *Nicteroy*, ou *a Metamorphose do Rio de Janeiro*, porém, sendo mais reconhecido, na literatura, como o organizador da primeira antologia de poesia brasileira, o *Parnazo Brasileiro* (1829-1832).³

Não caberia num trabalho dessa natureza gastar mais linhas com uma biografia geral do presbítero secular, ainda porque, nas últimas décadas, tem crescido o interesse pela obra de Januário e apareceram diversos trabalhos acadêmicos que esmiúçam a biografia e a carreira (como intelectual) de Cunha Barbosa. Dentro desse cenário de obras contemporâneas dedicadas ao cônego, destaco a muito recente dissertação de mestrado de Juscelino Pereira Neto, *A memória biográfica de Januário da Cunha Barbosa: uma trajetória política na corte Imperial (1821-1846)*, que realiza uma investigação sobre a construção da memória ou da imagem desse homem público, a partir de discursos elogiosos e biográficos publicados na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB); e o breve artigo de Bianca Martins de Queiroz, *Januário da Cunha Barbosa (1780-1846): a trajetória de um dos fundadores do Instituto Histórico*

¹ Juízo crítico sobre essas questões, encontra-se em Lindoso (1990).

² Para uma lista das publicações de Januário na Revista do IHGB, cf. Pereira Neto (2014, p. 8).

³ Entre outras fontes, essas e outras informações resumidas da biografia de Cunha Barbosa podem ser encontradas em Jordão (2010).

e *Geográfico Brasileiro*, que, embora curto, compila importantes informações. Há ainda disponíveis estudos sobre questões mais específicas da obra do ilustrado fluminense, como acerca do impacto social de suas ideias antiescravistas ou acerca das memórias e biografias de personalidades ilustres que escreveu e publicou no IHGB.⁴ É fato que a grande maioria dos trabalhos dedicados a essa figura tão determinante na história intelectual do Brasil pertence a historiadores e pesquisadores institucionais, sendo sua produção literária menos evidenciada nessas últimas investigações.⁵

Embora a trajetória como um todo do padre seja propriamente estudada em outras obras, como disse, um dado relevante dessa biografia necessita ser destacado aqui, visto que influencia definitivamente a transmissão do texto de *Nicteroy*: Cunha Barbosa, que defendia a soberania do Brasil e propunha alçar D. Pedro a monarca do País, foi preso e exilado depois da “devassa” promovida por José Bonifácio, no final de 1822,⁶ e, depois de passar por Paris, acaba em Londres, onde se publica seu poema ainda em 1822, impresso por R. Greenlaw. Menos de um ano depois, Januário é inocentado e retorna ao Brasil.⁷

2. *Nicteroy*

Nicteroy, ou Metamorphose do Rio de Janeiro, é um poema em decassílabos brancos de 476 versos. Seu caráter *sui generis* desafia classificações. Poderia ser descrito como um épico indianista, tão caro ao período pré-romântico; contudo, baseia-se no mote da metamorfose ovidiana, que, na poesia de língua portuguesa, é lugar-comum na poesia lírica. Trata-se da história de um índio brasileiro que, na verdade, é filho de um gigante da mitologia grega e que, para vingar a morte do pai, decide se insurgir contra os deuses do Olimpo; sendo morto por Júpiter, seu corpo se metamorfoseia na Baía de Guanabara.⁸

Logo em 1822, na edição do *Correio Braziliense* (de janeiro-junho), divulga-se a nota da publicação de *Nicteroy* na Inglaterra: “Este pequeno poema contém uma bela descrição poética da povoação e progressos do Rio de Janeiro, na baía chamada Niterói, pelo habitantes aborígenes, e que o poeta

⁴ Ferretti (2014) e Martins (2015).

⁵ Cunha (2015), Senna (2008) e Zilbermann (1998) se detêm na antologia poética de Barbosa, e não em sua obra em si.

⁶ Vale lembrar que Januário ficou preso por algum tempo na Fortaleza de Santa Cruz, em Niterói; cf. Pereira Neto (2012, p. 5). Cf. ainda Martins (2015, p. 51, n. 177).

⁷ Cf. Pereira Neto (2014, pp. 127-130).

⁸ O argumento será exposto mais detalhadamente à frente.

finje ser um filho do gigante Mimas, descendente de Saturno e de Atlântida.”⁹

Ter sido publicado em Londres, restringiu a circulação do poema no Brasil, tanto que no *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*, Innocencio da Silva, em 1859 (p. 254), escreve no verbete sobre Januário da Cunha Barbosa: “*O Nicteroy. Metamorphose do Rio de Janeiro*. Londres, 1822. 8° — É um poemeto em versos hendecassílabos soltos. Esta edição é hoje mui rara, mesmo no Brasil. Acha-se porém reproduzido no *Florilégio* do sr. Varnhagen, tomo II, pág. 667 a 682.”

Em 1837, Araújo de Porto-alegre, em viagem pela Europa, se depara com um manuscrito do poema e recomenda sua aquisição, escrevendo em uma das páginas finais do próprio manuscrito: “Esta bela produção é obra do cômego Januário da Cunha Barbosa, que ainda vive; este manuscrito é precioso por ser anterior à impressão do Poema, e por conter variantes”.¹⁰

Em 1848, vem à luz o segundo tomo do *Parnaso Brasileiro*, de Pereira da Silva, em que figuram duas passagens do poema (vv. 26-59 e 230-281, sem a indicação clara de que se tratavam apenas de passagens). E, em 1850, em Lisboa, Francisco de Varnhagen publica seu *Florilégio da Poesia Brasileira*, onde imprime o texto integral do poema, sob o título *O Nicteroy*, como consta na informação de Innocencio da Silva, já citada.¹¹

Em relação à qualidade do poema, as opiniões se dividem. Blixén (1894, p. 746), por exemplo, em Montevidéu, escreve à respeito da obra: “es célebre por su poema alegórico *O Nicteroy*, tan hermoso por la versificación y el lenguaje, como por el talento de invención que revela”, bem como alguns outros relatos elogiosos ao poema aparecem em discursos de homens das letras até o fim do séc. XIX. Já Antonio Candido, a partir da segunda metade do século XX, não parece se agradar muito com os resultados obtidos pelo cômego, sendo seguido por outros críticos, como Bosi e Pinassi:

[...] num esforço ao mesmo tempo ridículo e comovedor, traz ninfas, monstros, semideuses, para formar a Guanabara e suas montanhas, enquadrando, de maneira que desejou ciclópica, uma visão da história local expressa através de Glauco, divindade marinha que tinha o dom da profecia. Nunca se vira no Brasil tanto desperdício de mitologia, [...]. (2006 [1957], p. 283)

⁹ Atualizei a ortografia das citações de obras do séc. XIX.

¹⁰ Não pude identificar ainda quando o ms. foi adquirido pelo Biblioteca Nacional. Os Anais da BN de 1984 apenas listam a posse do manuscrito.

¹¹ Outras menções são feitas ao poema: em 1875, numa carta publicada no jornal *O Globo*, de 6 de junho; e no prefácio do *Mosaico Poético*, de Adêl, de 1885.

Contudo, de fato, não há nenhum trabalho mais detido sobre o poema. Assim, o esforço de se editar criticamente o texto também objetiva contribuir para preencher essa lacuna.

3. Argumento

O argumento do poema *Niterói*, narrado pelo próprio autor, numa espécie de prólogo anterior à apresentação do texto, baseia-se na ideia de que o gigante Mimas, da mitologia grega, e a ilha Atlântida, aquela cuja lenda do desaparecimento nos mares é conhecida e que no poema também se metamorfoseia em deusa ao final, tiveram um filho. Mimas fora morto por Marte, deus da guerra, na chamada Gigantomaquia, ou a Guerra dos Gigantes, e Atlântida, temerosa, pede ajuda a Netuno, deus dos mares. Tocado, Netuno esconde o recém-nascido em terras ainda desconhecidas, que depois se chamarão Brasil.

Esse filho de Mimas e Atlântida é o herói do poema, Niterói, um gigante que é descrito como um índio brasileiro e que, depois crescer, decide que deve vingar a morte de seu pai, planejando assim atacar o deus da guerra. Para isso, Niterói junta pedras enormes com intento de arremessá-las contra o deus; esse ajuntamento de pedras hoje é chamado a serra dos Órgãos. Como resultado das ações de Niterói, as novas montanhas formam uma espécie de represa para as águas do mar ao fundo.

Júpiter, sabendo das intenções de Niterói, que, vaidoso, mantinha-se à vista dos deuses no alto dos montes, desfere um raio e acaba com a vida do jovem gigante. Seu corpo tomba de cima do vale e desaba nas águas do oceano, aos pés da serra, ainda segurando na mão direita uma enorme rocha que atiraria contra Marte. Netuno, atendendo à súplica da mãe de Niterói, converteu seu corpo em águas do mar, onde hoje fica a Baía de Guanabara (antes Baía de Niterói) e a rocha em sua mão tornou-se a montanha do Pão de Açúcar, que marca a separação da baía com o oceano.

Glauco, uma divindade marítima, com dons premonitórios, aparece para consolar Atlântida e profetiza a glória do Brasil, narrando desde a descoberta de Pedro Álvares Cabral até o nascimento da Princesa da Beira, Maria Teresa de Bragança, fins do séc. XVIII (o poema é de 1820), que, por se casar com D. Sebastião Gabriel de Bourbon, une os troncos de Bragança e da Áustria. Ao final, Atlântida se torna ninfa marinha.

4. Edição de passagens selecionadas do poema

É preciso comentar que se encontram hoje e, possivelmente desde a primeira metade do séc. XIX, duas impressões distintas da primeira edição de 1822, sem nenhuma distinção editorial *a priori*: uma, possivelmente a primeira impressão de fato; outra, ao que tudo indica, uma segunda reimpressão, sem qualquer outra alteração, inclusive de data, além da inclusão de duas páginas ao final com uma lista de “erros tipográficos”. Além desta edição, apenas identifiquei outra reimpressão na edição do já referido *Florilégio* de Francisco de Varnhagen, de 1850. Sem ser uma reimpressão completa, a antologia de Pereira da Silva, de 1848, apresenta duas passagens (vv. 26-59 e 230-281) impressas novamente. Além disso, não identifiquei outras impressões do poema em antologias ou afins.

Apresento aqui uma edição modernizada exatamente desses dois trechos selecionados do poema (vv. 26-59 e 230-281), a partir da edição original de 1822, considerando a errata. Além dos procedimentos de modernização da ortografia de ditongos, consoantes duplas, de acentos gráficos, entre outros normalmente utilizados nesse tipo de edição, como a uniformização do uso de maiúsculas, propus-me a corrigir alguma pontuação, poucas vezes, e na maioria delas apenas de vírgulas, que não alteram muita substância. Preferi sempre “ouro” para “oiro”, mas mantive “loiro”, assim também para os derivados de ambos. Outras questões mais detalhadas de edição comentarei mais à frente. O que ora apresento é apenas uma parte de um trabalho maior que venho desenvolvendo com vistas à edição crítica do poema como um todo.

Niterói, ou Metamorfose do Rio de Janeiro

[...]

Cresceu co' idade a força, a raiva e o brio.
Da ilustre geração fervendo o sangue
Nas veias da titânea oculta prole,
Reforça o braço, que árduas feras doma,
Que troncos mil escacha, abate e arranca, 30
Mudando o assento às rochas alterosas.
Cinge a frente ao robusto altivo jovem
Cocar plumoso, ornado de ametistas;
Diamantino fulgor contrasta o brilho

De esmeraldas, rubis, topázios loiros, 35
 Que a rica zona, marchetando, enfeitam.
 Negra coma lhe desce aos ventos solta,
 Repartida, vestindo os largos ombros.
 Nas faces brilha mocidade imberbe,
 E a cor, que as tinge, porque o sol as cresta, 40
 Semelha o cobre lúcido polido.
 Nos olhos leem-se os vívidos intentos,
 Que de Mimas herdara e ocultos jazem
 No grande coração, que a injúria abafa.
 O esbelto colo três gorjeiras prendem 45
 De ouro e prata, e manilhas de ouro e gemas
 Os musculosos braços lhe guarnecem.
 Aperta o ventre nu, reveste a cinta
 Fraldão tecido de vistosas penas;
 Mosqueada pele um tiracolo forma, 50
 De que pende em carcás cavado dente
 De monstro horrendo pelo mar gerado.
 Niterói daqui tira ervadas setas,
 Em que às feras certo a morte envia,
 Quando as brenhas perlustra, e o bosque, e o prado. 55
 Empunha a destra mão robusto tronco
 Dos ramos mal despido; é esta a clava,
 Que abate os tigres, os dragões, e as serpes
 Mais pronto do que em Lerna o fero Alcides.

[...]

De Febo a luz dourava a serra e as brenhas, 230
 Dos picos mais erguidos dissipando
 Noturna branca névoa, que descia
 Ao verde prado, então Netuno surge
 Na argêntea concha, que hipocampos tiram
 Os crespos mares aplainando, e abrindo 235
 Ruidosa marcha que alva espuma cobre.
 Daqui vaidosas negras focas nadam
 Do dorso sobre as ondas levantando
 Cimódoce, Melite, Espio, Niseia;

Escamosos delfins dali se ostentam, Que em torno as águas assoprando espargem Dos ares sobre as ninfas; Glauco, Forco, Palémon e os Tritões, em turmas seguem.	240
Defrontam já com a praia, e campo, e serra; Desmaia a linda Atlântida banhando Em novo acerbo pranto a face e o peito, Qual flor noturna e bela, que orvalhada, Nos jardins se aprazia e ao sol murchando, A gala perde, inclina-se impelida Do brando vento ao sopro, que a afagava. Netuno as mãos lhe toma, aberta, beija, E ao hirto corpo então a vista alonga; Ó virtude de um deus! Ó força! Ó pasmo! Desfaz-se o grão cadáver pronto em água, Que ferve, salta, muge, avulta e açoita Os vales, selvas, montes, brenhas, rochas. No extenso mar, que o verde campo alaga, De espaço a espaço avistam-se os penedos Derrocados por Júpiter Tonante. Ao novo mar garganta nova se abre, Ferindo a costa o válido tridente Junto à rocha, que a Marte se assestara, E que inda ao mar voltada as nuvens busca. Em confuso marulho, em grossas ondas, Descendo as águas rápidas enfiam A estreita foz, que as solta aos mares; Glauco, Que em cem rios banhar-se Tétis manda, Porque este só faltava, alegre salta, Expõe ligeiro à tímida corrente O peito largo e cérico, que a quebra Forçando as águas, dividindo a espuma. Da hirsuta grenha verdes algas descem Assombrando-lhe a testa, a face, e os olhos, (Os olhos, em que Cila encantos via Raivoso ciúme em Circe despertando.) A barba negra esqualida goteja	245 250 255 260 265 270 275

Salgada linfa dentre os limos prenhes.
 Ramoso tronco de coral na destra
 Levanta aos ares, com a sinistra rema.
 Pairando sobre as ondas, que lhe escondem 280
 De atro peixe escamosa cauda e longa.

Logo no v. 26, embora o texto se pretenda modernizado linguisticamente, a eclipse (“co’ idade”) foi mantida *metri gratia*, chamando atenção para a sinalefa necessária. Diferentemente, no v. 44 (“que a injúria”) não houve necessidade de manter o original “qu’ a injúria”, já que a leitura natural em elisão ou sinalefa não oferece problemas rítmicos, bem como em “de ouro” (v. 46).

A atualização e aportuguesamento dos nomes das ninfas no v. 239, “Cimódoce, Melite, Espio, Niseia”, levou em consideração não só as acomodações possíveis em português, mas também uma tentativa de se manterem próximos das lições da tradição impressa, sem desprezar ainda a conformação métrica do verso, que, nesse caso, recorre à sinérese do nome “Espio”.¹²

5. Questões textuais

A partir do cotejo entre os três textos existentes da tradição impressa, apresento uma tabela de comparação a seguir, para poder argumentar que o texto de Varnhagen se baseava na edição com errata de 1822, já o texto de Pereira da Silva não.

Siglas

- B Edição impressa de 1822
- B1 Edição impressa de 1822 com lista de “erros tipográficos” ao final
- C Excertos (26-59 e 230-281) publicados no *Parnaso Brasileiro*, de Pereira da Silva
- D Reprodução integral no *Florilégio*, de F. de Varnhagen

Símbolos

- | Supressão de palavras dentro de um verso quando não há divergências
- / Fim de verso

¹² Esses nomes das nereidas ocorrem em Homero, *Iliada* XVIII 39-42, e na *Eneida*, de Virgílio, V 825-826, e são aclimatados em português das mais diversas formas entre os tradutores de várias épocas, cf. e.g. Mélite, Melite, Mélita, Melita.

Tabela 1 – Comparação da tradição impressa (vv. 26-59)

vv.	B	C	D
26	co'idade a força	co' edade a força	co'idade fôrça
27	geraçãõ	geração	geração
28	Titanea occulta próle	titanea occulta prole	titanea, occulta prole,
29	Refôrça féras dôma,	Reforça feras doma,	Reforça feras doma,
30	escácha, abáte, arranca	escaxa, abatte, arranca	escacha, abate, arranca
31	ás rôchas alterozas	ás rochas alterosas	ás rôchas alterosas
32	robusto altivo Jóven	robusto altivo Joven	robusto, altivo joven
33	Cocar plumoso ornado de Amathystas;	Cocaz plumoso ornado de Amethystas;	Cocar plumoso, ornado de amathystas;
34			
35	Esmeraldas, Rubins, Topazios	esmeraldas, rubins, topazios	esmeraldas, rubins, topazios
36	Zona marchotando enfeitãõ. (B1 marchetando)	Zona marchetando enfeitãõ.	zona marchetando enfeitam.
37	côma lhe-desce	coma lhe desce	coma lhe desce
38			
39			
40	Sol as crésta	sól as crésta	sol as cresta
41	Semelha lucido	Semelha lucido	Similha lucido,
42	tem-se (B1 lem-se)	tem-se	lem-se
43	herdára, occultos	herdára, occultas	herdára, occultos
44	coraçãõ, qu'a injuria abáfa.	coraçãõ, qu'a injuria abafa.	coraçãõ, qu'a injúria abafa.
45	Cóllo	cóllo	collo
46	gemas	gemmas	gemas
47			
48	Apérta nú	Aperta nú	Aperta nú
49	Fraldaõ vistozas pennas;	Fraldãõ vistas pennas;	Fraldãõ vistas pennas;
50	tiracollo fôrma	tiracolo fôrma	tiracollo fôrma
51			
52			
53	Nicteroy séttas	Nictheroy settas	Nicteroy settas
54	as féras envia, (B1 ás)	ás féras envia	ás féras envia,

55	Quando as Brenhas Bos- que Prado	Quando as brenhas bosque prado	Quão as brenhas bos- que prado
56	Maõ	mão	mão
57	he	he	é
58	abâte os Tigres Dragoens Serpes	abate os Tigres Dragões Serpes	abate os tigres dragões serpes
59	pronto fêro	prompto fêro	prompto fero

Na comparação dos versos do primeiro bloco (26-59), entre tantas apenas adaptações gráficas de acentos, consoantes duplas, ditongos e outras acomodações ortográficas, o v. 42 chama atenção: uma vez que D traz “lem-se”, de acordo com B1, em vez de “tem-se”, como em B e C, fica claro que Varnhagen se valeu da edição com errata de 1822, ao passo que Pereira da Silva não. O verso 41, porém, poderia afastar esta ideia, já que D lê “similha”, quando todos os outros testemunhos trazem “semelha”; contudo, a meu ver, trata-se apenas de erro tipográfico, motivado pela prosódia inconstante da palavra.

Os versos 32-33 e 39-41 aparecem ainda citados em Candido (2006 [1957], p. 283). Sem considerar a atualização de ortografia (mesmo de *Amathystas* para *ametista* no v. 33) e questões menores de pontuação (como, no v. 41, *robusto, altivo* em lugar de *robusto altivo*), a texto citado por Candido apresenta as seguintes variantes em relação à B: v. 32 *fronte* e 41 *similha*. A mim, parece claro que a edição utilizada por Candido, para sua citação, era a do *Florilégio*, muito mais corrente que a edição de 1822.¹³

Tabela 2 – Comparação da tradição impressa (vv. 230-281)

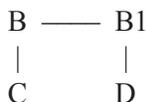
vv.	B	C	D
242	Phorco	Phosco	Phorco
244	e campo, e serra	e campo, e serra	o campo e serra
249	empellida (B1 impellida)	empellida	impellida
255	fírve avulla (B1 fêrve avulta)	fite avulla	ferve avulta
262	assestara	aprestara	assestara
271	escuma	escuma	espuma
280	Pairando	Passando	Pairando

¹³ Não comparei ainda com as diversas outras reedições do livro de Candido, desde 1957.

Considerando o segundo bloco de versos e anotando na tabela de comparação acima agora apenas variantes significativas (desconsiderando, nesse caso, as simples adaptações de convenções ortográficas), novamente podemos identificar uma leitura de D coincidente com B1: agora o v. 255 me leva a crer que D (com “ferve”) realmente provém direto de B1. Lendo “fite”, de C, para “frve” em B, resta claro que C não teve acesso a B1.

Mesmo leituras divergentes de B, como as de “Phosco” (242), “aprestara” (262) e “passando” (280) não demonstram outro fato senão um erro, bem como “espuma” em D não passa de erro, não podendo ser usado como argumento para desqualificar a derivação de B1.

Comparando-se as três edições impressas, um breve e possível estema se apresenta simples:



Contudo, quando se adiciona a tradição manuscrita, um novo quadro emerge. Hoje se conhece apenas um manuscrito do poema de 1820, chamado aqui de A. Apresento as tabela de comparação de B com o ms. A:

Tabela 3 – Comparação da tradição impressa com o manuscrito de 1820 (vv. 26-59)

vv.	A	vv.	B
65	Crescoo co'a idade a robustez, o brio	26	co'idade a força, a raiva, e o brio
66	geraçãõ, que o sangue aquece	27	geraçãõ
67	Nas veas da Titanea occulta estirpe,	28	Nas veias da Titanea occulta próle
68	Reforça feras doma,	29	Refôrça féras dôma,
69	Que mil troncos arranca, escacha, e muda	30	escácha, abâte, arranca
70	De assento as rochas firmes e alterozas.	31	Mudando o assento ás róchas
27-28	cinge / A frente airoza do robusto Joven.	32	robusto altivo Jóven
26	Cocar plumozo ornado de Amathistas,	33	Cocar plumoso ornado de Amathystas;
27?	e Diamantes,	34	
27?	De mil Topazios,	35	Esmeraldas, Rubins, Topazios
?		36	Zona marchotando enfeitaõ. (B1 marchetando)

29	côma lhe desce solta aos ventos	37	côma lhe-desce aos ventos sôlta
30-31	Sobre as largas espadoas, vestindo / os hombros, costas,	38	
33		39	
34	cor Sol as cresta	40	Sol as crésta
35	Semelha lucido; nos olhos	41	Semelha lucido
35-36	lnos olhos / Ressumbrão n'alma vividos intentos,	42	tem-se (B1 lem-se)
37	herdara, e occultos	43	herdára, occultos
38	coraçãõ que a injuria abafa.	44	coraçãõ, qu'a injuria abáfa.
39	Do altivo collo mil folhetas descem	45	cóllo
40	Manilhas gemas	46	gemas
41	muscolozos	47	
31	e cintura, que ata	48	Apérta nû
32	pennas.	49	Fraldaõ vistozas pennas;
42	tiracollo forma	50	tiracollo fôrma
43		51	
44	gerado;	52	
45	Nicteroy settas	53	Nicteroy séttas
46	ás feras invia,	54	as fêras envia, (B1 ás)
47	Quando as brenhas perlustra exercitando	55	Quando as Brenhas Bosque Prado
48	Seu vigor gigantesco; empunha hum tronco	56	maõ
49	Despido de seus ramos; e eis a clava	57	he
50	abate os Tigres Dragoões Serpes	58	abáte os Tigres Dragoens Serpes
51	prompto fero	59	pronto fêro

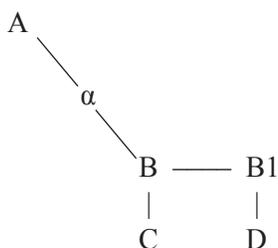
Tabela 4 – Comparação da tradição impressa com o manuscrito de 1820 (vv. 230-281)

vv.	A	vv.	B
232	Phorco	242	Phorco
247	e campo, e serra	244	e campo, e serra
252	impellida	249	empellida (B1 impellida)
259	ferve avulta	255	frve avulla
266	assestara	262	assestara
275	escuma	271	escuma
284	Pairando	280	Pairando

Notemos, logo a princípio, que não há perfeita equivalência na ordenação dos versos: o v. 26 nas impressões é o 65 no manuscrito. Blocos inteiros de versos estão deslocados e alguns aparecem repartidos e deslocados como os vv. 31-32 do manuscrito. Versos novos quase inteiros são introduzidos em B, onde ou só existe uma ou duas palavras ou nenhuma em A, como entre os vv. 34-36 (de B).

Certas palavras em A, nos versos 65 (robustez), 67 (estirpe), 69 (muda), 70 (firmes), 28 (airoza), 36 (Ressumbrão), 39 (folhetas) e 48 (gigantesco), não encontram nenhuma equivalência em B, ou em nenhuma outra edição.

Com certeza, B não deriva diretamente desse manuscrito A. Muito possivelmente entre a data de sua fixação em forma manuscrita, 1820, com está anotado na capa do manuscrito encadernado, hoje na Biblioteca Nacional, sob o n. 12, 1, 001, e sua publicação impressa, 1822, o texto sofreu uma significativa alteração pela própria mão do autor, o que deve ter se refletido na elaboração de outro manuscrito, que, este sim, deve ter sido enviado para tipografia inglesa. Embora Araújo de Porto-alegre, quando menciona que o manuscrito de 1820 é anterior à impressão e contém variantes preciosas, não diga nada a respeito de um possível outro manuscrito, nada indica o contrário absolutamente. Vale lembrar que Porto-alegre acessa o ms. numa livraria em Bruxelas, em 1837. Este provável manuscrito, de que não se tem notícia, eu chamaria de α , representando assim um novo possível estema:



6. Por um edição crítica

Hoje para o estabelecimento de uma edição crítica do poema *Nicteroy*, de Januário da Cunha Barbosa, faz-se mais premente e necessária (1) uma investigação acerca desse suposto manuscrito α ,¹⁴ e (2) a busca por mais impressões posteriores, além de (3) uma pesquisa acerca de testemunhos da circulação e

¹⁴ Ou uma correção de próprio punho numa edição impressa; hipótese que me parece remota.

recepção do texto no séc. XIX.

O poema é composto ainda por um “Argumento” no início e por “Notas” ao fim, que tomam quase metade do volume. Juntamente com o texto poético, esses elementos textuais devem passar também por colação ainda.

Referências

Manuscrito

BARBOSA, Januario da Cunha. Nicteroy, ou Metamorphose do Rio de Janeiro. Composta e Anotada por Januario da Cunha Barbosa. 1820. 60p. Localizado em: Biblioteca Nacional, Manuscritos, 12, 1, 001.

Edições e impressões

BARBOSA, Januario da Cunha. Nicteroy, ou Metamorphose do Rio de Janeiro. Composta e Anotada por Januario da Cunha Barbosa. Londres: R. Greenlaw, 1822.

BARBOSA, Januario da Cunha. O Nicteroy. In: VARNHAGEN, Francisco Adolfo. Florilegio da Poezia Brasileira: ou Colecção das Mais Notáveis Composições dos Poetas Brasileiros Falecidos, Contendo as Biographias de Muitos Delles. Tomo II. Lisboa: Imprensa Nacional, 1850. pp. 667-82.

BARBOSA, Januario da Cunha. Nictheroy. In: PEREIRA DA SILVA, João Manuel. Parnaso Brasileiro: ou Seleccção de Poesias dos Melhores Poetas Brasileiros desde o Descobrimento do Brazil. Tomo II. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1848. pp. 64-67. (Excerto)

Obras gerais

ADÊT, Emilio; SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. Mosaico Poético: Poesias Brasileiras Antigas e Modernas, Raras e Inéditas. Rio de Janeiro: Typ. de Berthe e Haring, 1844.

BLIXÉN, Samuel. Estudio compendiado de la literatura contemporánea. *Anales de la Universidad*, Montevideo, ano III, tomo V, marzo de 1894.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1978.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 10 ed. rev. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006 [1957].

CUNHA, Jaqueline Rosa da. Considerações a respeito do Parnaso Brasileiro organizado por Januário da Cunha Barbosa (1836) e João Manuel Pereira da Silva (1843-1848). *Anais da V Semana de Letras*, Porto Alegre, FALE/PUCRS, 2015.

- FERRARI, Paula. *Manoel Araújo Porto-alegre: Reflexões sobre o historiador*. 147f. 2009. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.
- FERRETTI, Danilo José Zioni. Entre profecias e prognósticos: *Januário da Cunha Barbosa, a escravidão e o futuro da nação (1830-1836)*. *Tempo*, Niterói, v. 20, 2014.
- INNOCENCIO DA SILVA. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. t. 3. Lisboa: Imprensa Nacional, 1859.
- JORDÃO, Lia Ramos. *Januário da Cunha Barbosa*. Rio de Janeiro: FBN, 2010. Disponível em: <<https://bndigital.bn.br/projetos/200anos/januarioCunha.html>>. Acesso em: 30 set. 2016.
- MARTINS, Yaísa de Arruda. *Biografia e história nos escritos de Januário da Cunha Barbosa (1780-1846)*. 135f. 2015. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, UFRRJ, Rio de Janeiro, 2015.
- PEREIRA NETO, Juscelino. *A memória biográfica de Januário da Cunha Barbosa: uma trajetória política 2014 na corte Imperial (1821-1846)*. 164f. 2014. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Ciências e Letras de Assis, UNESP, Assis, 2014.
- PINASSI, Maria Orlandi. *Três devotos, uma fé, nenhum milagre: um estudo da Revista Niterói*. 1996. 204f. Tese (Doutorado em Sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas, 1996.
- QUEIROZ, Bianca Martins de. *Januário da Cunha Barbosa (1780-1846): a Trajetória de um dos Fundadores do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História (ANPUH)*, São Paulo, julho 2011.
- SENNA, Janaína. A ponto precário: o parnaso fundacional de Januário da Cunha Barbosa In: LIMA, Ivana Stolze; CARMO, Laura do (Org.). *História social da língua nacional*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008, p. 315-326.
- LINDOSO, Dirceu. O Cônego e a Catequese Indígena. Rio de Janeiro, Anais da Biblioteca Nacional, n. 110, 1990, pp. 67-90.
- ZILBERMAN, Regina; MOREIRA, Maria Eunice. *O Berço do Cânone*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

Recebido em 7 de outubro de 2016.

Aceito em 17 de novembro de 2016.